

## HIPERTEXTO E CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

Ingedore G. Villaça KOCH<sup>1</sup>

- RESUMO: O objetivo deste artigo é, partindo de um levantamento das principais características do hipertexto, discutir a questão da construção do sentido no hipertexto e, portanto, da sua coerência.
- PALAVRAS-CHAVE: Hipertexto; coerência; construção do sentido.

### Conceituação

Uma reflexão sobre a construção de sentidos no hipertexto exige, em primeiro lugar, que se proceda à conceituação desse objeto.

Muitos dos autores que se ocupam do hipertexto têm ressaltado a dificuldade de chegar a uma conceituação adequada, visto que ainda se continua a tomar como parâmetro o texto impresso, como bem mostra Beiguelman (2003, p.11):

Tão estável e paradigmático é o texto impresso que não se conseguiu inventar um vocabulário próprio para as práticas de escrita e leitura on line [...] As telas de qualquer site dispõem de páginas, critérios biblioteconômicos de organização de conteúdo regem os diretórios [...] e a armazenagem é feita de acordo com padrões arquivísticos de documentos impressos, seguindo à risca o modelo de 'pastas' e 'gavetas'.

Theodor Nelson, criador do termo nos anos sessenta, considera o hipertexto "um conceito unificado de idéias e de dados interconectados, de tal modo que estes dados possam ser editados em computador. Desta forma, tratar-se-ia de uma instância que põe em evidência não só um sistema de organização de dados, como também um *modo de pensar*" (NELSON, 1992). A partir de então, tornou-se comum a conceituação de hipertexto como *metáfora do pensamento*.

---

<sup>1</sup> UNICAMP – Instituto de Estudos da Linguagem – Departamento de Linguística – 13081-970 – Campinas – SP – Brasil. Pesquisadora do CNPq – Endereço eletrônico: ingedore@gmail.com

No glossário do *Hypertext/Hypermedia Handbook*, de Berk e Devlin (1991), encontra-se a seguinte explicação do verbete hipertexto:

Hipertexto: a tecnologia de leitura e escrita não-sequenciais. O termo hipertexto refere-se a uma técnica, uma estrutura de dados e uma interface de usuário. [...] Um hipertexto (ou hiperdocumento) é uma coleção de textos, imagens e sons – nós – ligados por atalhos eletrônicos para formar um sistema cuja existência depende do computador. O usuário/leitor caminha de um nó para outro, seguindo atalhos estabelecidos ou criando outros novos. (BERK; DEVLIN, 1991, p.543)

Para Bairon (1995, p.45), trata-se de “um texto estruturado em rede [...], uma matriz de textos potenciais”, de forma que cada texto particular vai consistir em uma leitura realizada a partir dessa matriz.

Lévy (1993, p.33) afirma que o hipertexto melhor se define como

um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria deles, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.

Na opinião de Levy (1996), o hipertexto, configurado em redes digitais, desterritorializa o texto, deixando-o sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. O texto, assim constituído, é dinâmico, está sempre por fazer. Isto implica, por parte do leitor, um trabalho contínuo de organização, seleção, associação, contextualização de informações e, conseqüentemente, de expansão de um texto em outros textos ou a partir de outros textos, uma vez que os textos constitutivos dessa grande rede estão contidos em outros e também contêm outros.

Bolter (1991), por sua vez, assevera que o hipertexto constitui um texto aberto ou um texto múltiplo, caracterizado pelos princípios da não-linearidade, interatividade, multicentramento e virtualidade.

Nas palavras de Snyder (1997, p.126),

hipertexto é um **medium** de informação que existe apenas **on line**, num computador. É uma estrutura composta de blocos de texto conectados por nexos (**links**) eletrônicos que oferecem diferentes caminhos para os usuários. O hipertexto providencia um meio de arranjar a informação de maneira não-linear, tendo o computador como automatizador das ligações de uma peça de informação com outra.

De forma bem simplificada, poder-se-ia dizer que o termo hipertexto designa uma escritura não-seqüencial e não-linear, que se ramifica de modo a permitir ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado a outros textos, na medida em que procede a escolhas locais e sucessivas em tempo real.

## **Características**

A partir das conceituações aqui apresentadas, podemos elencar as principais características que vêm sendo apontadas para o hipertexto:

1. não-linearidade ou não-seqüencialidade (característica central) – o hipertexto estrutura-se reticularmente, não pressupondo uma leitura seqüenciada, com começo e fim previamente definidos. Segundo Marcuschi (1999, p.33), o hipertexto “rompe a ordem de construção ao propiciar um conjunto de possibilidades de *constituição textual plurilinearizada*, condicionada por interesses e conhecimentos do leitor-co-produtor” (grifos do autor);
2. volatilidade – que é devida à própria natureza do suporte;
3. espacialidade topográfica – por tratar-se de um espaço não-hierarquizado de escritura/leitura, de limites indefinidos;
4. fragmentariedade, já que não existe um centro regulador imanente;
5. multissemiótica – por viabilizar a absorção de diferentes aportes sígnicos e sensoriais (palavras, ícones, efeitos sonoros, diagramas, tabelas tridimensionais, etc.) numa mesma superfície de leitura;
6. descentração ou multicentramento – a descentração estaria ligada à não-linearidade, à possibilidade de um deslocamento indefinido de tópicos; contudo, já que não se trata de um simples agregado aleatório de fragmentos textuais, há autores que contestam essa característica, preferindo falar em multicentramento, como é o caso, por exemplo, Bolter (1991) e Elias (2000, 2005);
7. interatividade – possibilidade de o usuário interagir com a máquina e receber, em troca, a retroação da máquina;
8. intertextualidade – o hipertexto é um “texto múltiplo”, que funde e sobrepõe inúmeros textos que se tornam simultaneamente acessíveis a um simples toque de *mouse*;
9. conectividade – determinada pela conexão múltipla entre blocos de significado;
10. virtualidade – outra característica essencial do hipertexto, que constitui, conforme foi dito, uma “matriz de textos potenciais” (BAIRON, 1995).

## Links e nós

Santaella (2001) chama a atenção para o fato de que, enquanto no texto impresso predomina um fluxo linear, no caso do hipertexto essa linearidade se rompe em unidades ou blocos de informação, cujos tijolos básicos são os nós e nexos associativos, formando um sistema de conexões que permitem interligar um nó a outro, por meio dos hiperlinks. Isto é, uma das principais inovações do texto eletrônico consiste, justamente, nesses dispositivos técnico-informáticos que permitem efetivar ágeis deslocamentos de navegação on line, bem como realizar remissões que possibilitem acessos virtuais do leitor a outros hipertextos de alguma forma correlacionados (XAVIER, 2002).

Isto é, o autor de um hipertexto distribui seus dados entre módulos que se interconectam por meio de referências computadorizadas, os hiperlinks.

Os hiperlinks podem ser fixos – aqueles que ocupam um espaço estável e constante no site; ou móveis – os que flutuam no espaço hipertextual, variando a sua aparição conforme as conveniências do produtor, desempenhando funções importantes, entre as quais a dêitica, a coesiva e a cognitiva.

Os hiperlinks dêiticos funcionam como focalizadores de atenção: apontam para um lugar “concreto”, atualizável no espaço digital; ou seja, o sítio indicado existe virtualmente, podendo ser acessado a qualquer momento. Possuem, portanto, caráter essencialmente catafórico, prospectivo, visto que ejetam o leitor para fora do texto que está na tela, remetendo suas expectativas de completude para outros espaços. Isto é, como bem mostra Xavier (2002), estes hiperlinks

convidam o leitor a um movimento de projeção, de êxodo não-definitivo dos limites do lido, sugerem-lhe insistentemente atalhos que o auxiliem na apreensão do sentido, ou seja, apresentam-lhes rotas alternativas que lhe permitam pormenorizar certos aspectos e preencher on line lacunas de interpretação.

Em outras palavras, os links são dotados de função dêitica pelo fato de monitorarem a atenção do leitor no sentido da seleção de focos de atenção, permitindo-lhe não só produzir uma leitura mais aprofundada e rica em pormenores sobre o tópico em curso, como também cercar determinado problema por vários ângulos, já que remetem sempre a outros textos que tratam de um mesmo tópico, complementando-se, reafirmando-se ou mesmo contradizendo-se uns aos outros.

Salienta Xavier (2002) que os links desempenham função coesiva por amarrarem as informações, “soldando” peças esparsas de maneira coerente. Por essa razão, é importante para o produtor atar os hiperlinks de acordo com certa

ordem semântico-discursiva, de modo a garantir ao hiperleitor a fluência de leitura e o encaminhamento da compreensão sem excessivas interrupções ou rupturas cognitivas.

Do ponto de vista cognitivo, pode-se dizer que o hiperlink exerce o papel de um “encapsulador” de cargas de sentido. Para tanto, cabe ao produtor proceder a uma construção estratégica dos hiperlinks, de maneira que eles sejam capazes de acionar modelos (frames, scripts, esquemas etc.) que o leitor tem representados na memória, levando-o a inferir o que poderá existir por trás de cada um deles, formulando hipóteses sobre o que poderá encontrar ao segui-los.

Os links funcionam, portanto, como portas de entrada para outros espaços, visto que remetem o leitor a outros textos virtuais que vão incrementar a leitura. Cada um desses textos, uma vez atualizado, torna-se, por alguns instantes, centro de atenção do leitor, para, logo em seguida, descentralizar-se no momento da atualização de outro(s) texto(s) da rede. Por esse motivo, cada leitura do hipertexto será uma leitura diferente, já que cada atualização é um evento único, com condições de produção próprias, quer se trate do mesmo leitor ou de outros leitores: como o hipertexto é um texto aberto ou “múltiplo”, os textos que constituem a rede, como já mencionamos, tratam de temas diversos, embora interligados. Ao acionar a rede textual, em dado momento, o leitor atualiza alguns desses textos, de acordo com seus objetivos de leitura, assinala trechos que considera importantes, associa os conhecimentos novos ao seu conhecimento prévio e vai construir um percurso próprio de leitura dentre os muitos outros possíveis.

Segundo Storrer (2000), a organização não-linear favorece a leitura seletiva e facilita a transmissão de conhecimentos para grupos heterogêneos de receptores, abrindo diferentes perspectivas. Cada receptor percorre a rede de módulos e links apenas parcialmente e em trilhas individuais de recepção, ou seja, cada receptor decide, de conformidade com seu conhecimento prévio, seus interesses e preferências, quais os módulos que deseja acessar, e em qual sucessão e combinação: sua liberdade de escolha é delimitada apenas pelos links instalados pelo autor e pela funcionalidade estabelecida do sistema. Em sistemas mais aperfeiçoados, os receptores podem não apenas perseguir os links preestabelecidos pelo autor, mas, devido às ferramentas de navegação que o sistema lhes oferece, realizar um percurso através de trilhas particulares e redes particulares de atalhos. O fato de os caminhos de recepção não poderem ser previstos ou planejados pelo autor tem conseqüências decisivas para a produção do texto e, em especial, para o planejamento da coerência (STORRER, 2000, p.7).

## **Demandas lingüísticas e cognitivas**

Xavier (2002, p.28-29) concebe o hipertexto como “um espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e de **construir sentido**”. Para Levy (1993, p.40), a memória humana é estruturada de modo que o homem compreende e retém melhor aquilo que está organizado em relação espacial, como é o caso das representações esquemáticas. Ora, o hipertexto propõe vias de acesso e instrumentos de orientação sob forma de diagramas, de redes ou de mapas conceituais manipuláveis e dinâmicos, oportunizando, desta maneira, um domínio mais fácil e mais rápido da matéria do que o audiovisual clássico ou o suporte impresso tradicional.

Por esta razão, o hipertexto não é feito para ser lido do começo ao fim, mas por meio de buscas, descobertas e escolhas, que irão levar à produção de UM sentido possível, entre muitos outros. Ou seja, no hipertexto a multiplicidade de leituras é condição mesma de sua existência: sua estrutura flexível e não-linear favorece buscas divergentes e o trilhar de caminhos diversos. Nele, a conexão múltipla entre blocos de significado constitui o elemento dominante, em virtude do fato de que, como ressalta Elias (2005, p.9), “a tecnologia de programação característica da máquina (html) torna o princípio de conectividade, por assim dizer, natural, desimpedido, imediato e sem problemas de tempo e distância”.

Conforme Bolter (1991), a conectividade é um princípio estruturante do hipertexto, o que permite pensá-lo como qualitativamente diferente do texto impresso, constituindo, assim, um potencial revolucionário para produzir mudanças significativas quer nas formas de acúmulo e circulação da informação, quer nos conceitos de leitura, de autor e de leitor, e nas próprias formas de produção de textos, devido à sua capacidade de justapor documentos alternativos e complementares.

Penso, contudo, que a maior diferença entre texto e hipertexto está na tecnologia, no suporte eletrônico. Isto porque, se o texto, conforme venho defendendo, “constitui uma proposta de sentidos múltiplos e não de um sentido único [...], se todo texto é plurilinear em sua construção, então, pelo menos do ponto de vista da recepção, todo texto é um hipertexto” (KOCH, 2002). É este, também, o pensamento de Marcuschi (1999, p.29), quando afirma que “*assim como o hipertexto virtualiza o concreto, o texto concretiza a virtualidade*”.

O hipertexto é, portanto, um texto constituído por traços peculiares, ele é “subversivo em relação ao monologismo, à linearidade, à forma e à postura física do leitor” (RAMAL, 2002). É um texto elástico, que se estende reticularmente conforme as escolhas feitas pelo leitor, possibilitando-lhe escolher a seqüência do material a ser lido. É ele quem determina os caminhos para a construção de um sentido. Pode-se dizer que o hipertexto “pergunta ao leitor o que deseja ler

depois”. Assim diferentes leitores responderão de formas diferentes a essas perguntas sucessivas, de modo a definir percursos próprios, individuais. Isto implica demandas cognitivas, já que o leitor deverá ter sempre em mente o objetivo da leitura, bem como os princípios de topicidade e relevância, essenciais para a construção da coerência.

Do ponto de vista da produção, os links com função dêitica, como dissemos, monitoram o leitor no sentido da seleção de focos de conteúdo, porções de hipertextos que devem merecer sua consideração caso esteja interessado em obter uma leitura mais aprofundada, mais rica em matizes sobre o tópico em tela. Eles servem, portanto, como pistas dadas ao leitor para que busque no hipertexto as informações necessárias que lhe permitam detectar o que é relevante para solucionar o problema que lhe é posto, ou seja, aquelas que vão produzir, naquele contexto, efeitos contextuais, que são dotadas de saliência relativamente àquele background (SPERBER; WILSON, 1986). Como operadores de coesão que são, cabe, portanto, ao produtor fazê-los funcionar como orientadores da hiperleitura na direção de sentidos coerentes e compatíveis com a perspectiva postulada no todo do hipertexto.

Cabe ao produtor de quaisquer tipos de textos formulá-los de tal forma que os usuários possam reconhecer a conexão entre os seus constituintes e construir um modelo mental coerente do texto em questão. Convém perguntar, portanto, em que sentido os conhecimentos sobre processos de construção da coerência adquiridos no estudo de textos linearmente organizados podem ser úteis na produção de hipertextos: o que pode ser pressuposto ou adaptado; onde é necessário recorrer a novas explicações e estratégias.

Por exemplo, em termos de sua função cognitiva, é importante que as palavras “linkadas” pelo produtor do texto constituam realmente palavras-chave, cuidadosamente selecionadas no seu léxico mental e relacionadas de forma a permitir ao leitor estabelecer, ao navegar pelo hipertexto, encadeamentos com informações topicamente relevantes, para que seja capaz de construir uma progressão textual dotada de sentido. Em outras palavras, ao hiperleitor caberá, ao passar, por intermédio de tais links, de um texto a outro, detectar, por meio da teia formada pelas palavras-chave, quais as informações topicamente relevantes para manter a continuidade temática e, portanto, uma progressão textual coerente.

Marcuschi (1999) mostra que tais ligações seguem normas e princípios variados, de ordem semântica, cognitiva, cultural, social, histórica, pragmática e científica, entre outras. Por esta razão, defende que se trata aqui de um caso de “relevância mostrada” e que tal demonstração é a alma mesma da navegação hipertextual. Contudo, tendo em conta que o hipertexto constrói relações de variados tipos e permite caminhos não hierarquicamente condicionados, postula

que a noção de relevância que preside à continuidade temática e à progressão referencial no hipertexto não pode ser exatamente a mesma que encontramos nos estudos pragmáticos e discursivos sobre textos falados e escritos.

Do ponto de vista da leitura, perceber o que é relevante vai depender em muito da habilidade do hiperleitor não só de seguir as pistas que lhe são oferecidas, como de saber até onde ir e onde parar. Além disso, cumpre-lhe, como acabamos de dizer, ter sempre em mente o tópico, o objetivo da leitura e o problema a ser resolvido, ou seja, buscar no hipertexto as informações, as opiniões, os argumentos relevantes para a sua mais adequada solução. Caso o leitor se deixe levar desavisadamente de um link a outro e, a partir do novo texto acessado, por meio de novos links, a outros textos, e assim sucessivamente, ele correrá o risco de formar uma conexão em cascata, que, de tão extensa, poderá transformar-se numa cadeia sem fim, quebrando a continuidade temática, como é comum acontecer na conversação espontânea, em que um assunto puxa outro, que puxa outro e mais outro, de tal forma que, ao final da interação, já não é mais possível nomear o tópico da conversa, isto é, dizer sobre o que, afinal, se falou (“falamos de tanta coisa...!”).

Snyder (1997) afirma que “o hipertexto obscurece os limites entre leitores e escritores”, visto ser construído parcialmente pelos escritores, que criam as ligações, e parcialmente pelos leitores, que decidem os caminhos a seguir. Visto que o hipertexto oferece uma multiplicidade de caminhos, cabendo ao leitor incorporar ainda outros caminhos e inserir outras informações, este passa a ter um papel ainda mais ativo e oportunidades ainda mais ricas que o leitor do texto impresso. Como dificilmente dois leitores tomarão exatamente as mesmas decisões e seguirão os mesmos caminhos, jamais haverá leituras exatamente iguais (lembre-se, porém, que isto também raríssimas vezes acontece com os textos impressos). Pode-se, portanto, falar, de forma categórica, numa co-autoria. A leitura torna-se simultaneamente uma escritura, pois o autor já não controla mais o fluxo da informação. O leitor decide não só a ordem da leitura, como também os caminhos a serem seguidos e os conteúdos a serem incorporados, determinando a sua versão final do texto, que pode diferir significativamente daquela proposta pelo autor.

Escreve Marcuschi (1999) que a leitura do hipertexto é como uma viagem por trilhas. Ela nos obriga a conectar nós para formar redes de sentido. Sydner (1997), por seu turno, afirma que, ao ler um hipertexto, movemo-nos num labirinto que não chega a constituir uma unidade e cuja saída precisamos encontrar, de modo que o hipernavegador é submetido a um certo estresse cognitivo, já que as exigências são muito mais sérias e rigorosas do que no texto impresso.

Sabe-se que o leitor de um texto constrói a sua coerência ao ser capaz de, por meio das intrincadas teias que nele se tecem durante a progressão textual,

estabelecer mentalmente uma continuidade de sentidos. Como o hipertexto, por ligar textos diversos, não apresenta relações semânticas ou cognitivas imanentes (como, aliás, ocorre também em grande parte com o texto impresso ou falado), é sempre possível que se estabeleçam relações incoerentes na seqüenciação de unidades textuais, o que pode afetar irremediavelmente a compreensão.

Foltz (1996) considera a coerência como o *processo de incorporação de proposições ao texto-base*. Para que isto ocorra de forma adequada, torna-se necessário haver algum tipo de integração conceitual e temática, que deve resultar da proposta de organização do produtor e da proposta de construção do sentido do leitor. Cabe a este, do mesmo modo que no texto falado ou impresso, a produção de inferências não só para o preenchimento de lacunas, como para a resolução de enigmas ou desencontros (*mismatches*), para a reformulação de hipóteses abortadas, tomando como base, para tanto, seus conhecimentos prévios (enciclopédicos ou episódicos), a pressuposição de conhecimentos compartilhados, bem como seu modelo cognitivo de contexto (VAN DIJK, 1994, 1997), o qual inclui necessariamente o conhecimento de gêneros textuais e de seu modo de constituição em suportes diversos.

Surge, então, o problema de determinar que tipo de suposição cognitiva os produtores de um hipertexto devem fazer para possibilitar a um grande número de leitores, cujos conhecimentos e interesses são diferentes, o acesso rápido e seguro às informações desejadas. Não lhes é possível antecipar todos os caminhos alternativos que o leitor poderá tomar. Isto é, para a construção da coerência no hipertexto, não é razoável utilizar a metáfora de que o produtor conduz o leitor do início até o fim. Cabe falar, isto sim, de um diálogo entre o usuário e o sistema hipertextual, cujo percurso não pode ser gerenciado pelo produtor durante o tempo de processamento, mas pode ser influenciado pela forma de estruturação do hipertexto e pelo uso de suportes de navegação e de orientação específicos deste.

Entre tais suportes, podem-se mencionar os seguintes (STORRER, 2003):

1. *suportes de orientação*, que dão apoio ao usuário para a construção de um modelo mental da estrutura do documento hipertextual;
2. *suportes de contextualização global*, que revelam o valor funcional e temático, facilitando a construção da coerência global;
3. *suportes de contextualização local*, que explicitam quais módulos-alvo são acessíveis, bem como a relação entre os módulos-alvo e o módulo em foco, auxiliando o usuário no planejamento do caminho de recepção a percorrer.

Em seus estudos sobre a coerência, Stutterheim (1994), recorre à categoria da *quaestio* – questão implícita que deve ser respondida no texto – para descrever

a conexão entre a representação global do tema do texto e o tipo de construção textual. A *quaestio* fornece diretrizes ou normas para a verbalização da representação mental em que se baseia a produção textual e seus diferentes domínios (pessoas/objetos, acontecimentos a serem predicados, tempo, espaço e modalidade. Em se tratando de hipertextos, a *quaestio* fornece instruções para o preenchimento referencial desses domínios. O autor estabelece distinção entre coerência estática e coerência dinâmica:

- a **coerência estática** refere-se às entidades pertencentes à estrutura dos fatos que permanecem constantes, vindo a formar o **quadro de vigência** (Geltungsrahmen), isto é, o pano de fundo sobre o qual as informações específicas serão dispostas;
- a **coerência dinâmica** refere-se à disposição e ao entrelaçamento das informações no texto.

Storrer (2003) salienta que a distinção entre os dois tipos de coerência é relevante para a conceituação do hipertexto, já que, numa base hipertextual, é sempre possível, por meio da ativação de atalhos, transitar facilmente entre módulos tematicamente afins de diferentes documentos hipertextuais. Contudo, esse trânsito vai implicar uma alteração do quadro de vigência, que fornece o pano de fundo para os processos de coerência local. Se essa mudança passar despercebida, podem ocorrer rupturas de coerência ou ter lugar suposições errôneas sobre a correferencialidade.

Assim, segundo a autora, o planejamento e a construção da coerência em contextos hipertextuais distingue-se em três aspectos dos modelos desenvolvidos para textos fechados e linearmente organizados:

1. a impossibilidade da antecipação de uma ordem de leitura, visto que cada módulo dispõe, por princípio, de vários outros precedentes e de vários sucessores possíveis, de modo que, na textualização do módulo, são muito limitadas as possibilidades de o produtor antecipar quais informações o usuário já processou, quais referentes potenciais já foram introduzidos e quais estarão disponíveis no domínio atual de atenção. Tais restrições dificultam o planejamento da coerência dinâmica para além de cada módulo textual;
2. a recepção descontínua do texto, já que nos ambientes hipertextuais o processamento contínuo da informação pode ocorrer, na melhor das hipóteses, dentro de um mesmo módulo. Assim, torna-se preciso decidir, em cada caso particular, qual dos módulos disponíveis (acessáveis a partir do módulo ativado) será escolhido para o processamento adequado;
3. em decorrência do exposto em 2, a obrigação do usuário de reconstituir ele mesmo a conexão temática entre dois módulos sucessivamente escolhidos.

Isto é, em comparação com textos linearmente organizados, o autor pode garantir a continuidade temática apenas parcialmente;

4. a falta de limites do suporte midiático, o que pode levar a uma recepção na qual os limites entre os documentos hipertextuais e as hiper-redes são, sem que se perceba, rapidamente ultrapassados. Dessa forma, a construção da coerência poderá não ocorrer sobre o pano de fundo de um quadro de vigência global uniforme.

Por esta razão, salienta a autora, para a construção da coerência no hipertexto, é mais adequado falar de um diálogo entre o usuário e o sistema hipertextual, cujo percurso não pode ser gerenciado pelo produtor no decorrer do processo, mas pode ser influenciado pela estruturação do hipertexto e pelo uso de suportes de navegação e de orientação específicos, dos quais trataremos a seguir.

### **Suportes para a construção da coerência no hipertexto**

Para compensar os problemas ocasionados pela recepção descontínua, a falta de limites do suporte midiático e a falta de uma ordem previsível de leitura, a tecnologia do hipertexto disponibiliza suportes especiais para a construção da coerência (STORRER, 2003). Tais recursos, quando bem aplicados na organização de um hipertexto, permitem mesmo facilitar a construção da coerência na recepção seletiva do hipertexto, até mais do que na leitura parcial e seletiva de textos impressos. Entre eles, podem-se mencionar os seguintes:

- suportes de orientação: que apóiam o usuário na construção de um modelo mental da estrutura do documento hipertextual;
- suportes de contextualização global: que esclarecem o valor funcional e temático de um módulo, facilitando, assim, a construção da coerência global;
- suportes de contextualização local: que explicitam quais módulos-alvo são acessíveis a partir do módulo atual e quais as relações entre eles, auxiliando, desta forma, no planejamento do caminho futuro de recepção e a construção da coerência local na troca entre dois módulos.

De qualquer forma, o usuário tem à sua disposição uma gama enorme de possibilidades continuativas, a partir dos links e dos nós (blocos textuais) por eles indiciados, que o poderão levar ou não a manter-se fiel àquilo que é relevante para o tópico em tela. O problema é, portanto, como diz Marcuschi (2000a), um problema de macrocoerência e as ligações previstas são instrumentos vitais para possibilitar essa construção.

Assim, para garantir ou, pelo menos, facilitar a construção da coerência no hipertexto, é importante que o produtor considere quais os conhecimentos necessários para a compreensão dos outros tópicos, isto é, aqueles módulos de que o usuário necessita para compreender o módulo em tela. Estes podem ser automaticamente oferecidos ao leitor por meio de atalhos (links).

## **Considerações finais**

Braga (2004) assevera que, segundo Lemke (2002), o hipertexto é hipermodal (texto verbal, som, imagem) e que, nesse tipo de texto, o conjunto de recursos, já utilizados também em textos impressos, é ampliado e ressignificado, visto que as redes hipertextuais permitem uma conexão mais livre entre as informações veiculadas pelas unidades textuais construídas a partir de diferentes modalidades. Afirma a autora que isto favorece, inclusive, a construção de textos e materiais didáticos, na medida em que uma mesma informação pode ser complementada, reiterada e sistematizada ao ser apresentada na forma de um complexo multimodal.

Em virtude da possibilidade de conexões imediatas entre blocos de significados interligados como num vasto banco de dados, o hipertexto altera o significado do ato de ler e dos conceitos de autor e leitor (ELIAS, 2005). Segundo Bellei (2002, p.70-71), o autor é “construtor de dispersões de sentido e o leitor autor de configurações de sentido em um sistema previamente programado”.

Por esta razão, autor e leitor do hipertexto são colaboradores ativos (o que, evidentemente, não é privilégio do hipertexto), de modo que há autores que propõem redefinir o leitor do hipertexto como *lautor (wreader)* ou *leitor liberto da tirania da linha*, já que ele mesmo, em certa medida, produz e consome o sentido do texto. Um leitor de banco de dados deve organizar informações dispersas em termos de um certo padrão estrutural e em um espaço virtual, isto é, justapor blocos de sentido em uma atividade de “bricolagem” (BELLEI, 2002, p.71-73). Isto é, todo leitor é também autor, já que toda leitura torna-se um ato de escrita.

Desta forma, para Levy (1996, p.46),

A escrita e a leitura trocam seus papéis. Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais, que o leitor reinventa, podem ser incorporados à estrutura

mesma do corpus. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita.

Hiperlinks e nós tematicamente interconectados serão, portanto, os grandes operadores da continuidade de sentidos e da progressão referencial no hipertexto, desde que o hipernauta seja capaz de seguir, de forma coerente com o projeto e os objetivos da leitura, o percurso assim indiciado. É ele próprio o responsável pela “edificação” de seu texto. E, para tanto, deverá não apenas mobilizar seus conhecimentos lingüísticos, textuais, enciclopédicos, interacionais, como utilizar recursos próprios para a leitura, tendo em vista que o hipertexto é um labirinto formado de uma infinidade de textos, versando sobre infinitos temas, em uma extensa rede que possibilita múltiplos caminhos de leitura, e que lhe exige, portanto, o estabelecimento de conexões coerentes entre os segmentos do texto lingüisticamente materializados.

Assim, ao navegar por toda uma rede de textos, o hiperleitor faz de seus interesses e objetivos o fio organizador das escolhas e ligações, procedendo por associações de idéias que o impelem a realizar sucessivas opções e produzindo, assim, uma textualidade cuja coerência acaba sendo uma construção pessoal, visto que, como já dissemos, não haverá, efetivamente, dois textos exatamente iguais na escritura hipertextual. Persiste, no entanto, pelo menos até os nossos dias, uma restrição: o hiperleitor somente poderá partir para novas ligações que tenham sido previstas pelo autor, indicadas pelos links por ele criados para acessar os nós assim interconectados, do que se depreende que ele não é tão todo-poderoso como alguns pretendem fazer dele. O hipertexto, como também o texto tradicional, constitui um evento textual-interativo, embora com características próprias. Uma delas é não haver limitação do interlocutor, que pode ser qualquer pessoa desde que conectada à rede, já que o hipertexto não constitui um texto realizado concretamente, mas apenas uma virtualidade.

No hipertexto – como, aliás em todos os demais usos da linguagem – há sempre a consideração do outro, mas nele ela é levada às últimas conseqüências. Ainda que a única tarefa do autor fosse a marcação dos links, ele teria sempre em seu horizonte a projeção da imagem do leitor. E este será sempre co-autor, já que o acabamento do (hiper)texto não pode prescindir de sua participação. Trata-se, no caso, de uma alteridade multilinearizada, fragmentada, descorporalizada, volatilizada, mas fundada em nossos saberes, nossas relações com o mundo e nossa inserção em dada cultura.

KOCH, I. G. V. Hypertext and the construction of sense. *Alfa*, São Paulo, v.51, n.1, p.23-38, 2007.

- **ABSTRACT:** *The aim of this paper is to discuss how the sense of a hypertext is constructed. We start from the main characteristics of hypertext to show how sense is processed, and therefore coherence may be obtained.*
- **KEYWORDS:** *Hypertext; coherence; construction of sense.*

## Referências bibliográficas

BAIRON, S. *Multimídia*. São Paulo: Global, 1995.

BEIGUELMAN, G. *O livro depois do livro*. São Paulo: Petrópolis, 2003.

BELLEI, S. L. P. *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo: EDUC; Florianópolis: UFSC, 2002.

BERK, E.; DEVLIN, J. (Eds.). *Hypertext/Hypermedia handbook*. New York: Intertext Publications, 1991.

BOLTER, J. D. *Writing space: the computer, hypertext and the history of writing*, Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1991.

BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.), *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.144-162.

ELIAS, V. M. S. *Do hipertexto ao texto: uma metodologia para o ensino de língua portuguesa a distância*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. Hipertexto, leitura e sentido. *Caleidoscópio*, São Leopoldo, v.3, n.1, p.13-20, jan./abr. 2005.

FOLTZ, P. W. Comprehension, coherence, and strategies in hypertext and linear text. In: ROUET, J.-F. et al. (Ed.). *Hypertext and cognition*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1996. p.109-136.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002

LÉVY, P. *O que é virtual*. Rio de Janeiro: 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: 34, 1993.

MARCUSCHI, L. A. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, Campinas, n.3, p.21-45, 1999.

\_\_\_\_\_. *A coerência no hipertexto*. Palestra proferida no I Seminário sobre o Hipertexto: demandas teóricas e práticas, Recife, 2000a.

\_\_\_\_\_. *Hipertexto: definições e visões*. Recife: UFPE, 2000b. Mimeografado.

NELSON, T. H. Opening hypertext: a memoir. In: TUMAN, M. C. (Ed.). *Literacy online*. Pittsburg: University of Pittsburg Press, 1992. p.43-57.

RAMAL, J. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SANTAELLA, L. *Matrizes da linguagem e do pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SNYDER, I. *Hypertext: the eletronic labyrinth*. Washington: New York University Press, 1997.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. Oxford: Blackwell, 1986.

STORRER, A. Kohärenz in Hypertexten. *Zeitschrift für germanistische Linguistik*, v.31, n.2, p. 274-292, 2003.

\_\_\_\_\_. Was ist „hyper“ am Hypertext? In: KALLMEYER, W. (Org.). *Sprache und neue Medien*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000. p.222-249.

STUTTERHEIM, C. Quaestio und Textaufbau. In: KORNADT, H. et al. (Ed.). *Sprache und Kognition: Perspektiven Moderner Sprachpsychologie*. Heidelberg: Spectrum Akademie, 1994. p.251-272.

VAN DIJK, T. A. *Cognitive context models and discourse*. 1994. Mimeografado.

\_\_\_\_\_. Towards a theory of context and experience models in discourse processing. In: OOSTEDORP, H. van; GOLDMAN, S. (Ed.). *The construction of mental models during reading*. Hillsdale: Erlbaum, 1977.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.170-180.

## **Bibliografia consultada**

KOCH, I. G. V. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERFETTI, C. A. Text and hypertext. In: ROUET, J-F et al. (Ed.). *Hypertext and cognition*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1996. p.157-161.

SHUTZ, A. *Reflections on the problem of relevance*. New Haven: Yale University Press, 1970.

VAN DIJK, T. A. Structures of news in the press. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). *Discourse and communication*. Berlin: Walter de Gruyter, 1985.

XAVIER, A. C. *O hipertexto na sociedade de informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003.